



Mens Agitat 16 (2020) 4-6



ISSN 1809-4791

4

Retrato politicamente incorreto da academia brasileira - Parte II: pós-graduação e pesquisa

Robson Fernandes de Farias

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Cx. Postal 1524, 59078-970, Natal-RN. robdefarias@yahoo.com.br

Abstract. This article addresses the aspects that, in general, lead to postgraduate studies and research in Brazil, as a rule, of low quality.

Keywords: Brazilian universities, politically incorrect portrait, low quality research.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é o segundo de uma pequena série intitulada “Retrato politicamente incorreto da Academia brasileira”. No artigo precedente [1] abordamos aspectos referentes à constituição do corpo docente, etc.

No presente artigo, focaremos na pesquisa e na pós-graduação.

Em seu livro “A impostura científica em dez lições”, Michel de Pracontal nos faz indagação que é também válida, em parte, para o presente artigo:

A grande maioria das imposturas é inofensiva ou só causa danos menores. Então, será que é judicioso combatê-las por meio do confronto brutal? A experiência mostra que, na maioria das vezes, dessa maneira só se consegue reforçar as convicções dos impostores e de seus adeptos.

Dissemos em parte, pois, sobretudo num país como o nosso, de modo geral com investimentos não tão abundantes em pesquisa, as imposturas (e são muitas...) têm

o malefício de sangrar recursos públicos sem dar, em verdade, ao país, qualquer retorno.

Embora seja uma obviedade, destaquemos que o “retrato” aqui esboçado refere-se a um cenário global, etc., não impedindo, por certo, que (raras) e honrosas exceções possam existir.

DIRETO AO PONTO

Boa parte (a maior parte) da “pesquisa” (coloco aqui entre aspas, pois a maior parte do que se faz não merece realmente ser chamada de Pesquisa), é o que se convencionou chamar de “routine research”, ou seja, “pesquisa de rotina” significando “pesquisas” que são pouco mais (quando são) do que meros “repetecos” de temas já bem estudados e estabelecidos.

Em parte, a responsabilidade sobre essa realidade é da massificação (desenfreada) da pós-graduação no Brasil, forçando que, a cada mês, “teses e mais teses” de mestrado e doutorado sejam defendidas, nas mais diversas áreas, etc. Por mais competente, imaginativo/criativo/innovador e profícuo que seja determinado pesquisador (e a grande maioria não é nem competente, nem imaginativa, nem

profícua) não há como, em termos realistas, ter-se a cada ano milhares de trabalhos efetivamente significativos, de um ponto de vista científico, quer na pesquisa básica, quer na pesquisa aplicada.

O resultado é “um monte” de teses “mais ou menos”, meras repetições/variações sobre sistemas já bem conhecidos ou sobre temas visivelmente (até para um leigo) desimportantes.

Não nos enganemos, achando que tal fato verificasse apenas nas chamadas “ciências humanas” ou nas “sociais aplicadas”. Nas “ciências exatas” e nas “tecnológicas” igual engodo verifica-se rotineiramente.

Exemplos (fictícios) de tais teses que vão do nada para lugar nenhum:

- 1) “A presença do ser na literatura machadiana, e suas influências neurolinguísticas sobre a arte plumária dos índios Caiapós: um estudo de caso na Taubaté dos anos 1920” (a inutilidade da “tese” me parece auto evidente, de forma que não tecerei comentários extras);
- 2) “Um novo composto de cádmio com propriedades fluorescentes como possível catalisador para a degradação do peróxido de hidrogênio”. Comentário: Compostos de cádmio há aos montes, compostos fluorescentes também e o peróxido de hidrogênio degrada-se com facilidade, de forma que, enquanto um leigo poderia, do pomposo título da “tese”, inferir trata-se de trabalho de alto nível, com larga potencialidade de aplicabilidade, etc., nada estaria mais distante da realidade.

Some-se ao “incentivo” à baixa qualidade que há por conta da “produção em massa” de teses, os seguintes aspectos:

- 1) A grande maioria dos “pesquisadores” são indivíduos sem o verdadeiro e fundamental insumo para a pesquisa científica: talento (sob a forma de maturidade intelectual e criatividade);
- 2) A esmagadora maioria dos alunos de pós-graduação (que, em grande medida, realizam as “pesquisas” sob a orientação dos “pesquisadores”) também não possui talento ou vocação para a pesquisa, e escolhem ingressar numa pós-graduação como uma sequência “natural” para dar continuidade à “vida de estudante” com a qual já estão acostumados, sem ter o “incômodo” de procurar um emprego (uma bolsa de doutorado, ou mesmo de mestrado, paga mais do que muitos “primeiros empregos” que há por aí);
- 3) Por sua vez, de “fase em fase” (mestrado, doutorado, concurso, etc.) muitos desses alunos sem talento e verdadeira vocação para a pesquisa ajudarão a compor, em grande medida, a massa de

futuros “pesquisadores”, perpetuando, assim, esse funesto ciclo vicioso;

- 4) Em parte como consequência da massificação da pós-graduação e em parte motivada pela natural (?) ambição do ser humano, impera, no meio acadêmico, uma constante “luta pelo poder”, que se traduz na busca, por parte dos “pesquisadores” mais ambiciosos (e, via de regra, menos escrupulosos) por monopolizar os recursos para a pesquisa (laboratórios, equipamentos, etc.), deixando os pesquisadores menos ambiciosos e mais escrupulosos (que são, com frequência, mas não sempre, os mais capazes), alijados dos insumos necessários para a realização de suas pesquisas, a não ser, é claro, que aceitem colocar-se como “colaboradores” dos “donos dos meios de produção” (com perdão da terminologia marxista), o que significa colocar os nomes daqueles em trabalhos/artigos para os quais, em verdade, não deram qualquer contribuição intelectual.

Em artigo anterior [3] mostramos o quanto há de falacioso na chamada “fuga de cérebros”, quando aplicada à Academia brasileira. Veja-se, por exemplo, o alvoroço gerado quando, em 2019, o Ministério da Educação lançou o programa “Future-se” [4].

Sem entrar no mérito do programa/proposta (que, de toda sorte, parece-me extremamente salutar), uma parte obviamente benéfica do mesmo era a promoção de maior autonomia financeira nas universidades e institutos federais por meio de incentivo à captação de recursos próprios e ao empreendedorismo [4].

Seria de esperar-se que uma tal proposta fosse acolhida com boa vontade ou mesmo entusiasmo por parte da Academia. Bem, não foi o que aconteceu. Veja-se que captar recursos próprios (por meio da prestação de serviços e desenvolvimento de produtos) incentivando-se o empreendedorismo, exigiria por parte dos “pesquisadores” mostrar a validade/necessidade de suas pesquisas, e terminaria por ter-se, em verdade, um “grande holofote” a iluminar a inutilidade da maioria das “pesquisas” efetuadas. Logo, se o cenário está feio, melhor não acender a luz, não é mesmo? Além do mais, trabalhar de verdade não é a intenção de muitos “pesquisadores”, que preferem “ir levando”. Ter que produzir algo que realmente interesse/importe à sociedade, significaria ter que sair da “zona de conforto intelectual” e do comodismo generalizado. Algum espanto no fato de que a Academia em peso estrilou com a simples possibilidade de algo ao estilo “future-se”?

Alie-se, ao aspectos/fatores já apontados, que as seleções para as pós-graduações nem sempre são lá muito honestas (suas chances de ser aprovado entre os que terão direito à uma bolsa pode aumentar ou diminuir, significativamente, conforme a identidade do seu pretendido orientador) reforçando os malefícios já aventados.

Não bastasse tudo o que já foi exposto, ainda há que considerar-se os modismos e sazonalidades políticas que interferem, sobremaneira, na disponibilização de recursos para a pesquisa, fazendo com que muitos “pesquisadores”

simplesmente saiam em busca dos recursos, “pesquisando” seja lá o que for.

Certamente contribui, para iludir o incauto cidadão, a profusão de “boas notícias” na página inicial de qualquer Universidade: “Professor apresenta trabalho no exterior”, “Aluno ganha prêmio não sei onde”, “Pesquisa mostra que acerola é rica em vitamina C”, etc. Bom, nesse hipotéticos exemplos: ter um trabalho aceito em congresso internacional não é nem um pouco difícil, o “prêmio” dado ao aluno não necessariamente reflete a qualidade da “pesquisa” desenvolvida, todo mundo sabe, desde muito, que as frutas têm vitamina C, etc. Enfim, boa parte do que é divulgado pelas Assessorias de comunicação das Universidade é um “saco de vento”.

Não obstante o fato de que entre as cem melhores Universidades do mundo não consta nenhuma brasileira [5] [embora constem duas latinoamericanas: Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) e a Universidad de Buenos Aires (UBA), Argentina], não havendo, portanto, propriamente razões para empáfia, a (de modo geral) boçalidade/pedantismo dos nossos “pesquisadores” é aspecto que também em nada contribui para nossa elevação acadêmica.

REFERÊNCIAS

- [1] R. F. de Farias, *Retrato politicamente incorreto da academia brasileira - Parte I: formação do corpo docente*, Mens Agitat, 16 (2021) 1-3.
- [2] M. de Pracontal, *A impostura científica em dez lições*, Editora Unesp, São Paulo, 2002.
- [3] R.F. de Farias, “*Brain drain*”? (ou, *breve reflexão sobre a academia brasileira*), Mens Agitat, 15 (1-2) (2020) 150-151.
- [4] <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/52641>.
- [5] <https://www.topuniversities.com/university-rankings/world-university-rankings/2020>.